



O LUGAR UNICAMP E A RETOMADA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS: uma pesquisa intervenção com fotografias

Palavras-Chave: Lugar, Pandemia, Fotografia.

MELINA DE SOUSA CARDOSO, IG, UNICAMP

Prof.^a Dr.^a TÂNIA SENEME DO CANTO (orientadora), IG, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

No primeiro semestre de 2022, com o processo de retorno às aulas presenciais no *campus* da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a sensação de estranhamento em relação a esse lugar -antes familiar- foi um aspecto muito marcante para quem o vivenciou no período anterior à suspensão das atividades presenciais não essenciais, em decorrência da pandemia de Covid-19. Isso estimulou um processo de produção de fotografias autorais sobre aquele “novo lugar” ao tentar exteriorizar essa sensação, cartografando as alterações ocorridas naquele espaço para atender as demandas da emergência sanitária postas pela pandemia. Concomitantemente, buscou-se no ato de fotografar, evidenciar as mudanças nos usos e nas formas de se relacionar com o espaço físico da universidade nesse novo contexto.

O material fotográfico produzido serviu como base para o desenvolvimento da presente pesquisa, a qual, a partir da produção audiovisual, visa investigar os sentimentos que emergem com o retorno ao *campus*, após cerca de dois anos de suspensão das atividades presenciais na UNICAMP, e compreender como a comunidade do Instituto de Geociências (IG) experienciou esse distanciamento físico do espaço da universidade no contexto do Ensino Remoto Emergencial.

Massey (2008) define lugar como a conjunção de trajetórias múltiplas, em que o movimento e a transformação são fundamentais na construção do espaço. Essa dupla constituição é sintetizada pelo conceito de “trajetória”, que implica na indissociabilidade entre espaço e tempo. Em outras palavras, “trajetória” significa, ao mesmo tempo, o percurso (histórico) de uma jornada – o movimento – e o espaço (geográfico) percorrido – a transformação. Dessa forma, uma maior ou menor abertura de determinado espaço para a ocorrência de novas trajetórias é condição fundamental para que se criem histórias de novos tempos.

Como referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa, recorremos a autores como Massey e Oliveira Jr, os quais buscam trabalhar o conceito de espaço, lugar e linguagens numa perspectiva de abertura e criação. Dessa forma, aprofundando a reflexão sobre o lugar UNICAMP no contexto exposto e pretendendo compreender as diferentes geografias que o constitui, a participação do “outro” foi imprescindível para o desenvolvimento do projeto. Tendo em vista o lugar como a conjunção de trajetórias múltiplas, em que o movimento e a transformação são fundamentais na construção do espaço (MASSEY, 2008), a UNICAMP, cada vez mais, contempla uma gama maior de subjetividades e grupos sociais, que trazem com si uma bagagem de experiências e relações múltiplas com o espaço, como também estranhamentos, tensões e necessidades são reveladas. Essa pluralidade na maneira em que os indivíduos interagem com o espaço remete à Oliveira Jr. (2011) quando coloca que os lugares não existem por si mesmos, mas pelas produções estabelecidas por práticas sociais e discursivas realizadas neles e a eles relacionadas.

A discussão sobre os conceitos geográficos sempre teve uma relevância muito grande dentro da Geografia. São instrumentos fundamentais para a compreensão da sociedade em que se vive, e conseqüentemente, do papel desempenhado por nós na mesma. Como referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa, recorremos a autores como Massey e Oliveira Jr, os quais buscam trabalhar o conceito de espaço, lugar e linguagens numa perspectiva de abertura e criação.

A proposta de realizar uma produção audiovisual que parte de fotografias feitas por diferentes pessoas, surgiu de uma experiência realizada no primeiro semestre de 2021 para o trabalho final de da disciplina

“Representações e Linguagens no Ensino da Geografia”, lecionado pela professora Dra. Tânia Seneme do Canto. A experiência consistiu na produção de um curta-metragem intitulado “O Lugar”, utilizando -e mesclando- as linguagens fotográfica, oral, textual e cinematográfica com o intuito de evidenciar, sobretudo, as ausências presentes no espaço físico da universidade no contexto imposto pela pandemia de Covid-19. Sua produção se desenvolveu primeiramente por meio da coleta de fotografias feitas na UNICAMP, enviadas por diversas pessoas com vínculo com a universidade, retratando contextos variados no período anterior à suspensão das atividades presenciais. Tais imagens foram levadas até os lugares físicos em que foram feitas e filmadas de forma a evidenciar as mudanças produzidas pela pandemia da Covid-19 nestes lugares. Assim, espaços que antes estavam sempre cheios e movimentados, passaram a ser silenciosos e vazios.

Consideramos o *campus* como um lugar que carrega em si uma potencialidade única para cada um que nele convive, e não somente enquanto uma extensão territorial, na qual estabelecemos nossas atividades acadêmicas. Kastrup (2001) disserta sobre as sucessivas experiências de problematização que o sujeito vivencia ao ser transportado para um novo ambiente, no qual seus hábitos antigos não o servem. Diz a autora: “Não se trata de mera ignorância mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente” (KASTRUP, 2011, p. 17).

Diante das considerações apontadas nos parágrafos anteriores, elaboramos as seguintes questões de pesquisa: Após dois anos de isolamento social, que estranhamentos e tensões emergem do (re)encontro com o lugar Unicamp? Que novas experiências vivemos e que já não nos servem mais? O que representou o afastamento do espaço físico da universidade para os indivíduos que o vivenciavam cotidianamente?

Visando responder a estes questionamentos, a presente pesquisa propôs, a partir do conceito de lugar, refletir sobre a relação entre a comunidade acadêmica e o espaço universitário no contexto de retorno ao espaço físico da UNICAMP após cerca de dois anos de suspensão das atividades presenciais não essenciais devido ao espraiamento da Covid-19. Para tanto, realizou a produção do curta-metragem intitulado “Um Lugar”, com a participação da comunidade do Instituto de Geociências (IG).

METODOLOGIA:

Sobre o aspecto metodológico, essa pesquisa pode ser classificada enquanto pesquisa-intervenção, sendo dividida em quatro momentos principais. O primeiro momento destinado à revisão de dados secundários e obtenção de material para a elaboração do curta-metragem, amparando-se em fotografias enviadas por participantes voluntários, através da plataforma *Formulários Google*, e da produção de vídeos e fotografias autorais.

“Um lugar não nos chega pronto, não tem existência por si mesmo, mas vamos construindo nossas imagens e nossas idéias acerca deste lugar e é com elas que nós o pensamos e nele agimos. É, em grande medida, a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar.” (OLIVEIRA JÚNIOR, [s.d.], p.2). Para instigar a reflexão sobre a extensão territorial da universidade enquanto um lugar que carrega em si uma potencialidade única para cada um que nele encontram-se inserido diariamente, e não somente um espaço no qual estabelecemos nossas atividades, a pesquisa contou com a coleta de depoimentos em dois momentos, o primeiro para comporem o curta-metragem, e posteriormente, o segundo momento foi a coleta de depoimentos de participantes voluntários após a exibição do curta-metragem, a fim de contemplar as possíveis reflexões que emergiram ao assistirem.

Desse modo, no segundo momento, o questionamento: **“O que representou para você o afastamento do espaço físico da UNICAMP durante o período de suspensão das atividades presenciais não essenciais?”**, norteou a etapa de coleta de depoimentos dos participantes convidados. Para testar a hipótese apresentada por esse trabalho foram aplicados procedimentos metodológicos qualitativos na análise dos resultados obtidos, por propiciar a obtenção de dados descritivos e compreender os diferentes indivíduos e seus contextos sociais, culturais e institucionais por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada, permitindo assim a concepção do cotidiano como possibilidade de vivências únicas e impregnadas de sentido (GODOY, 1995).

A produção do curta-metragem se deu no terceiro momento a partir da idealização da estrutura do vídeo e curadoria do material coletado e produzido. Sua produção ocorreu, primeiramente, pelo levantamento dos assuntos mais abordados pelos participantes em seus depoimentos, recortes desses momentos, criação e organização de grupos temáticos, para, assim, no processo de edição os relatos conversassem entre si com fluidez.

Por fim, o quarto e último momento, refere-se a exibição/intervenção no IG, realizada no dia 29 de Junho em três horários distintos (às 12:30, 18:30 e 19:30 hrs) com intuito de contemplar horários propícios para a participação dos estudantes de Geografia e Geologia, professores e funcionários. Ao todo foram cerca de 70 pessoas que

assistiram a exibição do curta, que contou também com a presença de estudantes de outros institutos que souberam por meio da divulgação em redes sociais e na agenda da Unicamp.

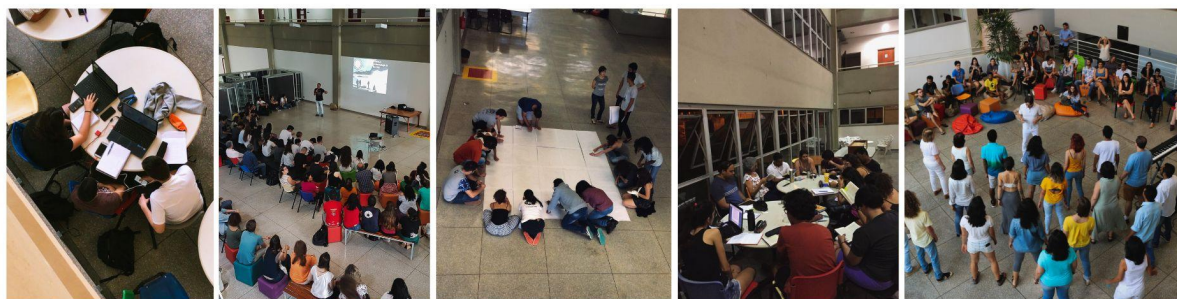
A pesquisa ampara-se na conceituação de lugar de Doreen Massey (2008) para a reflexão acerca do lugar Unicamp e nas obras de Oliveira Jr., sobretudo, as que abordam a linguagem fotográfica, crucial na análise por sua potencialidade em expor diferentes visões sobre um mesmo lugar, sendo utilizada no presente projeto enquanto um dispositivo para tratar sobre as trajetórias, trazidas por Massey em sua obra e conceito fundamental para a construção da pesquisa. Por viabilizar a construção de espaços de problematização coletiva, foi empregado o método de pesquisa-intervenção na busca de investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, potencializando a produção de um novo pensar, tendência das pesquisas participativas.

RESULTADO E DISCUSSÃO:

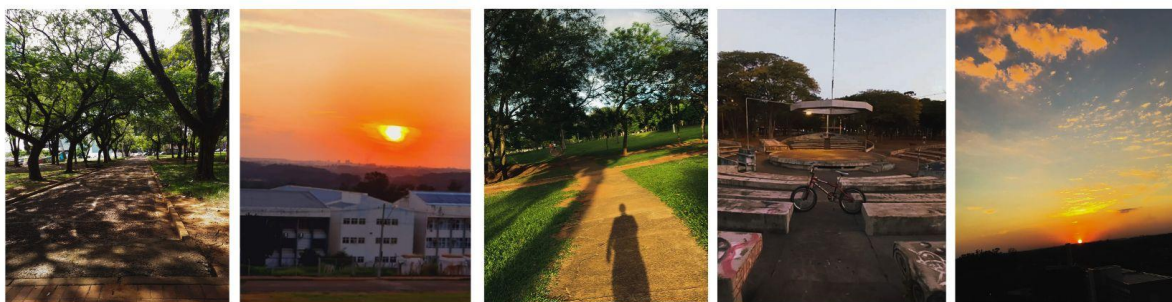
O ato de fotografar o espaço é produto de escolhas feitas por quem o realiza, resultando na criação de novas realidades e novas percepções acerca do momento capturado na imagem (PESTANA, 2009). Portanto, como afirma Oliveira (2011), a fotografia é uma obra humana que, mais do que mostrar uma realidade, produz “alguma realidade”. Sendo assim, a fotografia não pode ser entendida como a exibição idêntica do mundo real, mas sim como uma construção do real, capaz de nos fazer notar algumas realidades e produzir o apagamento de outras. Sendo produções carregadas de intencionalidades daqueles que a produziram.

As fotos tiradas sobre os espaços vividos servem de comprovação que realmente estivemos presentes naquele lugar, nos apresenta o mundo a partir do olhar e motivações de quem as realiza ao experienciá-lo corporalmente. As fotografias enviadas pelo “outro” para a produção do curta-metragem reforçam a ideia de que os lugares são constituídos de uma multiplicidade de narrativas, de práticas sociais e discursivas, em que as muitas versões existentes sobre o mesmo lugar não se anulam. Constituem, conforme Queiroz Filho (2010), “um emaranhado que ora revela, ora apaga, traços desse fazer/desfazer o território que se dá sempre na continuidade, na fluidez.”

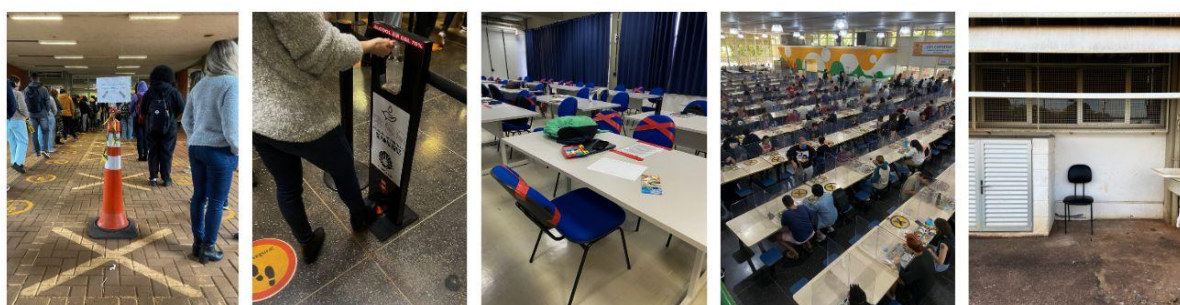
A análise sobre esse material evidenciou diferenças e similaridades no tocante à escolha das representações dos usos do espaço físico da universidade. Em suma, parte significativa das fotos enviadas retratam grande número de pessoas estabelecendo relações diversas com o meio, sendo poucas as fotografias que põem em evidência somente a materialidade do espaço físico da Unicamp. A multiplicidade de práticas sociais estabelecidas no mesmo lugar são destacadas nos vários recortes sobre o saguão do IG:



Mesmo as fotos que não contam com presença de pessoas apresentam evidências que remetem a alguma prática ou vivência estabelecida com o lugar. É o caso das fotografias do pôr do sol, com recortes e ângulos que remetem ao olhar de cada indivíduo, mas ainda assim exibem uma atividade muito comum entre os estudantes da universidade, sobretudo aqueles que utilizavam o *campus* nos fins de semana para atividades de lazer; e as fotografias de trajetos, que vão em encontro a Oliveira Jr. quando este argumenta que, a partir do atravessamento de experiências visuais e espaciais, a linguagem fotográfica tem a potencialidade de ser promotora de falas, que podem evidenciar a visão do autor sobre determinado espaço de modo bastante próximo às suas experiências visuais cotidianas (OLIVEIRA, Jr. 2011). Isso possibilita certa compreensão sobre a experiência corporal do “outro” no lugar em que transita, as trocas que realiza e outras práticas sociais e discursivas que estabelece com o espaço.



Nesse sentido também, a etapa de produção de fotografias autorais sobre o espaço físico, realizada nos primeiros meses de retorno ao *campus*, atentou-se em retratar eventos ocorridos no ambiente universitário -juntamente com reflexões que surgiram ao vivenciá-los- e experiências diárias sem grandes modificações na rotina praticada. As fotografias produzidas nesse período, em sua grande maioria, evidenciam as modificações ocorridas no espaço físico da universidade para atender às restrições impostas pela emergência sanitária resultante da pandemia de covid-19, sendo agrupadas em três grupos temáticos: o primeiro, conta com representações sobre as alterações no espaço físico, como marcação de distanciamento entre as carteiras em salas de aula e espaços de grande circulação, adição de biombos e demarcação de lugares nas mesas dos restaurantes universitários, etc. O segundo grupo destaca a relação indivíduo-meio no desempenho de suas práticas cotidianas com o recorte desse novo contexto, e por fim, o vazio -ou o sentimento dele- foram retratados em várias circunstâncias e situações vivenciadas na Unicamp, compondo o terceiro grupo.



Sentimentos de quebra de vínculo de um cotidiano que era desempenhado no *campus* e das relações de laços estabelecidos com as pessoas, com o próprio prédio do IG e com a identidade criada sobre e com o lugar Unicamp, marcaram os depoimentos da maioria dos participantes na primeira etapa de coleta de depoimentos. Destaca-se entre os relatos dos professores do IG, o sentimento de frustração causado pelo deslocamento do seu exercício “para o universo de uma tela”, em que a falta do contato “olho no olho” com os alunos, capaz de possibilitar a percepção sobre o entendimento em relação à matéria dada, juntamente com a ausência de trocas espontâneas, que surgem no desenvolvimento das aulas presenciais, foram considerados como perdas significativas sentidas pelos professores entrevistados. Sendo esse momento classificado pelo Prof.º Dr.º Vicente Eudes Lemos como um “período muito frio para a docência”.

Observa-se também alguns temas recorrentes nos depoimentos dos estudantes entrevistados, como sentimentos de dúvida sobre a escolha do curso e de continuidade deste durante o período de ensino remoto emergencial, juntamente com a dificuldade na aprendizagem devido a falta das trocas com os professores e colegas de classe, que conseqüentemente, resultou na perda de interesse em realizar as tarefas acadêmicas, destacado pelos alunos. A ausência da própria vivência universitária -e toda a multiplicidade que essa engloba- também foi trazida de maneira significativa em seus discursos, visto que consiste em um período importante não só em relação à formação acadêmica, mas também, de formação cidadã.

Desse modo, o processo de produção audiovisual se deu a partir do olhar e das significações do outro sobre o lugar em encontro com os olhares e significações próprias do autor sobre o mesmo lugar, em que o questionamento: **“O que sobra quando se tira o lugar do geógrafo?”**, elaborado a partir da troca com os participantes durante a coleta de depoimentos, foi trazido no curta-metragem como disparador -instigador- para a reflexão do público acerca da temática.

Com isso, após a mostra do curta-metragem, as reflexões emergentes foram caracterizadas por uma dualidade de sentimentos: de um lado composta pela perda do vínculo com o espaço, desestímulo à continuidade do

curso e o próprio afastamento físico-social, paralelo a isso, observou-se a manifestação de sentimentos nostálgicos e reconhecimento das potencialidades da universidade e de seus espaços, retomando assim, um sentimento de pertencimento que contempla o lugar Unicamp.

CONCLUSÃO:

A relação dos indivíduos com o lugar, foi consideravelmente modificada com o distanciamento social imposto pelo contexto da pandemia de Covid-19. Espaços anteriormente caracterizados pela grande circulação de pessoas, como as universidades, passaram a ser silenciosos, vazios, ermos. O período de interrupção das atividades presenciais no *campus* da Unicamp, em março de 2020, devido à necessidade de distanciamento social por causa do contexto pandêmico, evidenciou o quão essencial é o espaço físico para o encontro das múltiplas trajetórias das pessoas que o vivenciam cotidianamente. Torna-se significativo pensar sobre o espaço do *campus* para além de suas funções acadêmicas, abrangendo as diversas relações, vivências e significações com o lugar.

Além disso, a questão ganha uma importância ainda maior ao se considerar a adoção de cotas étnico-raciais, instituídas em novembro de 2017, já que o programa tornou o ambiente universitário, mesmo que aos poucos, um lugar mais diverso, que contempla uma gama maior de subjetividades e grupos sociais, advindos de diferentes estados, regiões e etnias, que possuem vivências e relações múltiplas com o espaço, e vivenciaram o período de afastamento do espaço físico da Unicamp de formas e condições de vida diversas.

Até o presente momento, os resultados obtidos e as análises feitas evidenciaram a necessidade de se pensar sobre os impactos resultantes da falta do espaço físico da Unicamp devido a Covid-19 em relação às práticas que eram materializada em tal espaço, assim como a realidade social e de moradia que passaram a ter outras dimensões na vida dos estudantes.

A impossibilidade de utilizar dos ambientes do campus contempla uma pluralidade de questões. Ressalto algumas delas, como a questão vivenciada por alguns estudantes indígenas, que viram seu desempenho acadêmico prejudicado por não terem acesso a internet com qualidade e facilidade equivalente a que tinham quando utilizavam o espaço do campus. No mesmo sentido estão os relatos de alunos que precisaram conciliar os momentos de estudo com a convivência familiar no espaço de suas moradias, frequentemente sendo confrontados com problemas como a falta de privacidade, incômodos pela inadequação dos ambientes as atividades exercidas, e responsabilidades doméstico-familiares, etc.

BIBLIOGRAFIA:

- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- MASSEY, D. Pelo espaço – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008
- OLIVEIRA JUNIOR, W. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem cartográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, R.D. (Org.). Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011. p.13-35.
- OLIVEIRA, Lívia de. Sentidos de lugar e de topofilia. Geograficidade, v. 3, n. 2, p. 91-93, 2013. PEREIRA, Ernandes de Oliveira. Cartografias e mapas com linguagem fotográfica no contexto da educação geográfica. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Campinas: Unicamp, 2019, p. 2305 - 2319.
- PESTANA, Fernanda Cristina Martins; DE OLIVEIRA DIAS, Susana; DE OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. APROXIMAÇÕES E APAGAMENTOS ENTRE IMAGENS. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem ? II ENEIMAGEM. 2009
- QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. A edição dos lugares: sobre fotografias ea política espacial das imagens. 2010.
- SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. Editora Iluminuras Ltda, 2001.
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, Arte e Invenção. Psicologia em Estudo, Maringá, v.6, n.1, p.17-27, 2001.